Esta história procura respeitar o espírito de uma época
e de uma sociedade reais. Muitos dos eventos, personagens
e dilemas aqui narrados são verídicos, embora se tenha tentado
fazer deles um uso ficcional.

PRINCIPAIS PERSONAGENS

OS ALEMÃES

Hansi Abke, um homem que teve um diário e um amigo

Ernst Abke, advogado da Renânia e cientista amador, falecido

Herr Neumann (ou Herr N.), o professor da escola alemã, apaixonado pela botânica e por Adolf Hitler

Frau Neumann (ou Frau N.), a cantora desafinada, sua mulher

Frau Meier (ou Frau M.), que contava sempre as mesmas histórias

Herr Meier, seu marido

Inky, o garoto da suástica

Yolanda (ou Y.), a pequena Corsepius

Georg Allofs, o optimista

Herr Adamczyk, mecânico da DAT

Adalbrecht Vögler, o telegrafista que matou um homem com um abraço

Herr Hummels, líder do Deutscher Sportverein Horta

O filho de Herr Hummels, que quando bebia dois copos de vinho tocava com outro virtuosismo

Egon, sobrinho de Frau Meier, e que quase desapareceu na edição final

Herr Corsepius, telegrafista e guitarrista

Gustav Corsepius, que desapareceu mesmo na edição final

Jan Zimmer, director da Deutsch-Atlantische Telegraphengesellschaft, ou DAT

Frau Zimmer, sua mulher

Herr e Frau Schäfer, um casal da Colónia Alemã

Herr e Frau Koch, outro casal da Colónia Alemã

Horst, **Erna**, **Gottfried e Matthias Winkler**, a família da Colónia que estava de férias na Alemanha e ficou retida ao rebentar a guerra

Walter Sitek, o tenente que sobreviveu ao combate nocturno, nadou até ao Pico e foi aclamado numa glória que só ele não podia ver

Herr Seidl, **Herr Hahn e Herr Keller**, telegrafistas alemães que voltam à Horta no pós-guerra

OS INGLESES

Royston «Roy» Groves (ou R.), o rapaz belo e indomável que parecia destinado à tragédia

William Groves (ou Mr. G.), director da companhia Cable & Wireless

Kathryn Groves (ou Mrs. G.), sua mulher

Maggie Groves (ou M.), a rapariga que todos subestimaram — inclusive o narrador — durante bastante tempo

Winston, o cão

Miss Spencer, solteira e subversiva

Mr. Horsey (ou Mr. H.), presidente da Comissão Organizadora dos Jogos do Cabo

Mr. Parker, líder do British Sports Club

Mrs. Parker, a senhora que trouxe uma dentadura postiça da América

Donald «Don» Parker, filho dos Parkers, bom jogador de *croquet*, fanfarrão

Mr. Rymple, o pessimista

Mr. Willett, que era um pouco malandro e uma vez até cantarolou em francês

Mr. Averill, que tinha duas filhas bonitas e alguns receios

Mr. Peel, telegrafista e atleta, o homem que ganhou uma corrida com as calças pelos joelhos

Mr. Greengrave, director da Eastern Cable Company

Mr. Devereux, um dos funcionários mais antigos da Commercial Cable Company

Mr. Liversage, cônsul inglês

Mr. e Mrs. Davis, um casal dos *bungalows*

Mr. Flavell (ou Mr. F.), **Mr. Mulins** (ou Mr. M.) e **Mr. Smailes** (ou Mr. S.), agentes do MI6

OS AÇORIANOS

Natália Bettencourt (ou N.), personagem de outro autor à qual este quis mudar o destino

Amélia (ou A.), sua dama de companhia

Maria Graça do Canto Bruges Abke, dona da loja de brinquedos e, logo por azar, mãe de Hansi

Padre Bulcão (ou Padre B.), pároco da Feteira, capelão da Misericórdia, germanófilo e pecador

Jorge Terra-Garcia (ou T.-G.), que tocava bateria e trabalhava nos móveis, mais tarde advogado de sucesso

Carmina (ou Dona C.), empregada dos Groves

Sra. Clotilde, a professora de dança

Chico da Areia, trancador de fama

Mestre Vieira, *skipper* baleeiro

Mestre Costa, mecânico

Anselmo, o Ti Quentinho em jovem

Pai do Anselmo, que supervisionava com certa latitude

Sr. De Mello, presidente da Sociedade Amor da Pátria

Sra. De Mello, que dança a valsa com Saint-Exupéry

Dr. Bettencourt, líder do Fayal Sport Club e pai de Natália

Sr. Azevedo (ou Sr. A.), dono do Café Sport (mais tarde Peter Café Sport)

Sr. Cristiano, que aluga o *Mercedes-Benz* de três assentos a Mr. Davis

Heitor, o alfaiate que costurou o fato para Walter Sitek

Sr. Júlio Vitorino (ou Sr. J. V.), fotógrafo que tirou a fotografia mais importante

OS AMERICANOS

Mr. Fitzhugh, director da Western Union

O filho de Mr. Fitzhugh, também dito Baeta, mais tarde C. Devon Fitzhugh, Esq.

Mrs. Byrnes (ou Mrs. B.), que coleccionava autógrafos e saudades da América
Ryan Woodland, comandante do *Yankee Clipper*
Os Dabneys, cuja memória perdura no Faial
Albert F. Hoffman, marido de Mitzi Mayfair, o homem que caiu ao mar

OS DE OUTRAS ILHAS

Os Pachecos de Matos, uma família que reza o terço e leva uma cestinha aos bailes do Coliseu
Couto, o amigo da Terceira com quem Roy faz ciúmes a Hansi

OS DE OUTROS LUGARES

Major Braga, que vem pôr um ponto final nos confrontos culturais (chamou-lhes assim) da Horta
Mrs. Perkins, irlandesa, correspondente do *Herald Tribune*
Mr. Perkins, ex-funcionário da Commercial Cable Company, já regressado à Irlanda
Mr. Byrnes, irlandês
Vários espanhóis, italianos, polacos, búlgaros, brasileiros e pelo menos um francês ensonado que não chegaram a receber nome

AS VISITAS (por ordem cronológica)

Antoine de Saint-Exupéry
Mitzi Mayfair
Carole Landis
Harry Hopkins
Lucienne Boyer, que não chegou a sair do avião
Clark Gable
Óscar e Maria do Carmo Carmona
Glenn Miller
Vitorino Nemésio

BANDA SONORA

Duke Ellington
Giacomo Puccini

OS CONTEMPORÂNEOS

José Filemom Abke Marques, um tipo que julgava ter mais inteligência do que ambição

Alice, que tinha o cabelo de um Tadzio e sardas microscópicas enxameando à volta do nariz

Isabel, talvez a mais relevante redenção desta história

C. Devon Fitzhugh, Esq., que aparece duas vezes na tábua de personagens

Johnson, ou Morgan Freeman

Carlos Ponta-Garça, que a si mesmo chama Fernando

Lady Angus, na verdade Juliana Boim, que dirigiu e interpretou o seu próprio filme

Ti Quentinho, o Anselmo em idoso, e que também aparece duas vezes nesta tábua

Sylvie Kučerová, checa dos Sudetas, antiga namorada de Hansi

Pedro Jorge Madruga, superior de Hansi Abke no gabinete do Ministério Público da Comarca Judicial da Horta

Elena dos Santos Marques, a mãe saudosa e mitificada

Maria, a «alemoa» de Porto Alegre, boa gente

Dr. Silveira, o director do lar de terceira idade que quase levou com uma bengala

Herr Zamlock, cravista austríaco e professor do Conservatório da Horta, e a que só aqui o autor se dignou a dar nome

A Yolanda Corsépius

As vertigens não são o medo de cair. São a voz do vazio por baixo de nós, tentando seduzir-nos — são o desejo de cair, do qual nos protegemos com pavor.

Milan Kundera

They say into your early life romance came
and in this heart of yours burned a flame
a flame that flickered one day and died away

«Sophisticated Lady»
(Irving Mills/Mitchell Parish
sobre melodia de Duke Ellington)

Lisboa, 2017

Podia ser Morgan Freeman, mas não era. Não tinha talvez o porte de Morgan Freeman, aquele garbo de aristocrata tuaregue, embora exibisse o mesmo tipo de olhar triste a pretexto do qual os mais expeditos haviam chegado a reclamar para os igbos do Delta do Níger a condição de tribo perdida de Israel. Sobretudo, movia-se como Morgan Freeman: numa lentidão ponderada, como se cada gesto denunciasse o sofrimento histórico de um povo e a sabedoria que este lhe havia conferido.

José Filemom Marques não esperou o apito da campainha. Viu-o chegar pelo monitor, verificou o relógio, carregou no botão a soltar o trinco para a segunda metade do dia e depois seguiu-lhe os movimentos, da câmara da entrada para a soleira da porta e desta para o pequeno lanço de escadas — a solenidade com que esfregou os pés no tapete de corda, a elegância antiga dos sapatos de verniz, um certo desconcerto perante a desordem que se lhe foi espalhando em volta, à medida que as pupilas se adaptavam à penumbra.

Não era bem triste, o olhar: seria mais um olhar de través, uma altivez de baixo para cima, como que numa condescendência invertida, e era exactamente nisso que mais fazia lembrar Morgan Freeman. Nisso e na voz, percebeu Filemom pouco depois.

— Boa tarde — concedeu este, à procura de um tom que demonstrasse ao mesmo tempo hospitalidade e desprendimento, e que não teve a certeza de lhe ter saído como deve ser.

O recém-chegado recompôs-se. Ajustou um botão ao sobretudo, a resguardar-se do pó e dos cheiros a bolor. Fitou-o.

— *I believe we have some unfinished business, sir.*

Tinha uma dicção pausada, de que se depurava uma espécie de integridade, e nas entrelinhas do seu sotaque urbano, deliberadamente neutro, remanescia um quase imperceptível deslizamento de vogais, como o dos velhos apanhadores de algodão dos estados confederados.

— *I don't speak English* — retorquiu José Filemom, e agora tornou-se-lhe ainda mais flagrante não ter encontrado a entoação pretendida.

Morgan Freeman respirou fundo, no que não chegou a ser um gesto de enfado. Descalçou as luvas luzidias, devagar.

— Este leitor. — Aproximou-se da prateleira maior, desordenada também. Ergueu na mão o corpo de uma *drive* óptica, restaurada e posta de novo à venda. — Se eu tivesse um igual…

— Sim?

O homem levantou o rosto para o balcão.

— Seria capaz de repará-lo?

Atrás dele, a porta da rua voltou a guinchar, sacudindo guizos e placas informativas. Uma cabeça de mulher penetrou tempo suficiente para entrever a escuridão e recolheu sem dar explicações.

— Podia tentar. — José Filemom encarou-o. — Está obsoleto, mas é suposto sermos especializados em peças antigas.

Morgan Freeman sorriu. Foi a primeira vez que sorriu, e nem por isso se tratou de um sorriso de comprazimento.

— Peças antigas. — Havia uma ironia na sua expressão. — Deve ser confortável. Isto é, trabalhar numa área em que um objecto com dez ou quinze anos pode ser chamado de antigo.

Filemom não respondeu.

— Afinal, uma coisa pode atingir a imortalidade, ir parar ao museu e desaparecer da memória colectiva no espaço de uma geração. — O estrangeiro devolveu o objecto à prateleira. — Uma coisa ou uma pessoa.

Na mesa ao canto, o telefone tocou. José Filemom permaneceu quieto. Se alguma coisa poderia garantir-lhe um resto de ascendente sobre aquele homem, era a prudência. A prudência e a recusa de se lhe dirigir em inglês.

Mas mesmo isso não era garantido: salvo as dificuldades com tónicas e ditongos, mais a inevitável hesitação nas vibrantes alveolares, Mr. Freeman falava um português escorreito, quase queirosiano. Talvez se pudesse dizer até que era a língua portuguesa a ganhar profundidade na sua voz, e não esta a perdê-la nela.

— José Filemom Abke… — declamou, finalmente.

— Marques.

Morgan Freeman baloiçou a cabeça com gravidade.

— Marques, Marques… — Estacou. — Abke Marques.

— Como sabe o meu nome?

— Interessante escolha, «José Filemom». Não acha?

Filemom levantou o queixo, mas o sujeito não o deixou responder.

— Estou aqui para lhe dizer que a nossa proposta se mantém.

— Proposta? — E desta vez Filemom conseguiu acrescentar estupefacção ao modo como o dizia: — Eu nem o conheço.

Morgan Freeman fez um trejeito enfastiado. Era bem mais velho do que a pose segura poderia levar a supor. Tinha escamas no pescoço, manchas de borbulhas que o tempo havia amarelecido, e, à luz quebrada do candeeiro sob o qual se detivera, tornou-se evidente que, nos tempos em que a melanina ainda não começara a escassear, toda a sua pele fora bastante mais escura.

— Estive lá ontem, como sabe. Sei que me viu.

José Filemom pôs-se a arrumar numa caixa os componentes da *motherboard* que desmontara sobre o balcão. Baixou-se para acondicionar a torre, já muito desbotada.

— Estava lá muita gente.

— Sete pessoas.

— Quantas costuma ver em cremações?

O homem pigarreou, impávido. Por um instante, pareceu deixar-se vencer. Mas depois disse na sua voz de baixo-barítono, conciliadora agora:

— Não sei se já fez as contas. Em breve passam sessenta anos. Sessenta anos sobre o vulcão. Sessenta anos e, entretanto, o seu tio já não poderá opor-se. — Ajeitou o lenço à lapela. — Vai voltar a colocar-se a questão.

Filemom atirou o pescoço para trás, exasperado.

— Mas que questão? De que raio está o senhor a falar?

O homem aproximou-se do balcão. Abanou a cabeça.

— Não me canse. Estou velho.

Depôs a mão sobre o tampo, a mão imensa de um basquetebolista, e naquela mão aberta tanto podia haver um gesto de concórdia como uma ameaça. Fechou-a.

— Você deve-lhe mais do que isso, e sabe-o bem. — Ergueu o indicador. — Acha o quê, que tudo na sua vida foi sorte? O emprego de luxo, esse *site* que teve o capricho de fundar: é o que diz a si mesmo, que foi sorte? Os subsídios de fundações que nem sabia existirem. Milhares de pessoas lendo todos os dias listas de frases espirituosas, como se tivessem voltado a precisar da literatura: tudo sorte? Até esta lojeca onde se escondeu. De onde acha que veio? Da sorte também? Do seu génio criativo?

Sorriu com desprezo.

— Não me diga que acreditou que havia mesmo uma fundação… — E levou a mão ao estômago, fingindo dominar uma gargalhada. — «Geralmente, um homem acredita naquilo que deseja.» Quem é que o dizia mesmo? Tenho de ir à sua página.

— O senhor é louco.

— Sabe bem a quem o deve, Mr. Abke — cortou Morgan Freeman. — Dentro de si, sabe muito bem a quem deve toda essa ficção.

E agora tem medo do quê? De conhecê-lo verdadeiramente? De descobrir que praticou o Mal, quando você próprio nunca teve essa nobreza?

Fez uma pausa de efeito.

— Tranquilize-se. O seu tio foi, em todo o caso, grande. Muito maior do que você ou eu.

— Escute, eu não sei a que o senhor se refere nem por que carga de água mo diz a mim. Portanto, se tem alguma coisa para reparar, faça o favor de dizer. Se não tem, peço-lhe que me desimpeça a oficina, que esta é a hora do dia com maior movimento.

Freeman olhou em volta para a divisão vazia. Tornou a sorrir, num escárnio, ou talvez numa amargura. Abeirou-se de Filemom e, nos seus gestos contidos, muito selectos, levou a mão ao bolso interior do sobretudo, extraindo de lá um pequeno embrulho de papel pardo, atado por um barbante vindo directamente de outro tempo.

— O patrão já não tem a mesma mobilidade. — Depositou o embrulho sobre o balcão. — Não pôde deslocar-se e também não acreditou que valesse a pena convidá-lo a visitar-nos outra vez. Mas arranjará maneira de se manter em contacto consigo, que é o que importa. E, de qualquer forma, se Mr. Abke tiver alguma dúvida, encontrará aqui como chegar até ele.

Tamborilou as pontas dos dedos compridos e negros sobre o papel. Levou à cabeça o galante *homburg* de que se aliviara ao descer as escadas.

— Há mais de onde esse veio. Uma série deles. Todos iguais. Era um maníaco, o velho Hansi. Mas isso já Mr. Abke sabe.

Calçou as luvas de *cabretta*, dedo a dedo.

— Recuperámos muita documentação nos últimos anos. Havemos de lhe fazer chegar o resto. — Voltou a ajustar o sobretudo. Encarou José Filemom. — Tenha em atenção que, em muitos aspectos, estamos a falar de matéria bastante íntima. Será da maior conveniência que, no que não for essencial ao seu trabalho, mantenha a discrição.

Fez uma pequena vénia, mais de missão cumprida do que de deferência, e girou sobre si mesmo.

Filemom ficou ali, a vê-lo atravessar a sala, as subtis listras pretas do fato de *tweed* contorcendo-se ao ritmo dos seus passos.

— Desapareça, mas é — disparou. — Desapareça daqui!

Quando se apercebeu, tinha dado a volta ao balcão e progredia no sentido da esfinge que subia a escadas.

— Desapareça, que eu tenho mais que fazer. — Ergueu no ar o embrulho e atirou-o à porta que, sem chegar a sobressaltar-se, Morgan Freeman fechava atrás de si. — Desapareça e leve o que lhe pertence!

E, no entanto, sabia quem era aquele homem. Conhecia o seu verdadeiro nome, lembrava-se distintamente do dia em que o conhecera, e, ao dar-se conta do silêncio que voltava a abater-se sobre a pequena cave, sentiu pela primeira vez uma espécie de melancolia pela morte de Hansi Abke, o tio que levara a cremar ainda não havia vinte e quatro horas e que, para todos os efeitos, constituíra até poucos dias antes o seu último familiar vivo.

Primeira Parte

José Filemom

Capítulo 1

Nova Iorque,
1996

01.

Agora que olhava para trás, à distância de mais de vinte anos de vida adulta, José Filemom tinha a impressão de que tudo começara com aquela assinatura. Pudesse reler a carta e tornaria a ter a certeza: fora a assinatura a atraí-lo — a elegância do nome, a grafia angulosa do homem que talvez gostasse de ter sido:

Respectfully Yours,
C. Devon Fitzhugh, Esq.

Ou então o papel. A folha espessa e rugosa. A dobra perfeita — a tonalidade isabelina que parecia contar da passagem dos séculos, como se o envelope houvesse ficado muito tempo esquecido num velho posto dos correios.

Ou outra coisa ainda. A escolha de palavras. O momento da vida em que ele próprio se encontrava. O apelo da América. O facto é que, por muito que gostasse de poder dizer a si mesmo que tentara resistir àquela carta, chegada num dia brumoso e frio de Outono,

não tão diferente assim daquele em que viria a receber na oficina o elegante americano do fato de *tweed*, sabia não ser verdade.

Naquela primeira tarde, chegado a casa ao fim de uma jornada de trabalho entediante, descobrira na caixa do correio um sobrescrito distinto de qualquer outro que alguma vez tivesse recebido e lera, num português, aliás, imaculado:

> *[…] Posto isto, encontrará em anexo tudo aquilo de que necessita para a sua viagem: bilhete de passagem, comprovativo de reserva em hotel e dinheiro suficiente para refeições, fretes de táxi e despesas avulsas.*
> *Rogo-lhe que, uma vez em território dos Estados Unidos, proceda à liquidação do cheque incluso. E que não hesite em informar-me de eventuais urgências suplementares, para o que poderá usar o número de telefone inscrito ao fundo desta página.*
> *Johnson passará a apanhá-lo no dia 27, segunda-feira, pelas nove e trinta da manhã. Perguntará por si na recepção. Deve estar pronto à hora combinada, para evitar os congestionamentos entre Manhattan e Long Island.*

Menos de uma semana depois, estava a caminho do Aeroporto JFK, instalado na primeira fila da classe executiva de um avião quase vazio. Tinha vinte e três anos, a disponibilidade exultante de um selvagem e um gosto particular na ideia de contrariar o tio. Para mais, nunca visitara Nova Iorque.

Estavam então numa fase boa, ele e Hansi. Depois de anos de um silêncio que nenhum fora capaz de vencer e ambos haviam acabado por abraçar, José Filemom decidira deixar a velha casa da Penha de França e instalar-se num pequeno apartamento em Campo de Ourique. Protegiam-no então o emprego que havia assegurado ao concluir o curso, tão bem pago como só numa multinacional americana, e o êxito do *site* de citações a que se dedicava desde os tempos da faculdade e que, entretanto, começara a trazer-lhe rendimentos.

Surpreendentemente, a separação, tida de início como um alívio para ambos, proporcionara-lhes o que de mais parecido alguma vez haviam tido com uma relação. Ou pelo menos assim fora durante algum tempo. Libertos da presença permanente um do outro, tio e sobrinho tinham passado a encontrar-se com regularidade, trocando mais palavras do que nunca, quase conversando.

Às vezes Filemom recordava-se do dia em que chegara do Brasil, confuso de dor e de solidão, quase onze anos antes, forçado a instalar-se na casa daquele homem que não conhecia, oculta no coração de uma cidade de que não gostava e de um país que, sendo talvez o seu, tão-pouco desejara conhecer. Chegava a censurar-se: talvez tivesse sido possível tomar outra decisão, na altura, que não a de odiar Hansi Abke. Mas, de cada vez que tinha surgido a oportunidade de se aproximarem, ambos se haviam empenhado em frustrar as expectativas um do outro.

— Tenho uns dias de férias por gozar e nada melhor para fazer — disse Filemom quando se encontraram naquele sábado, poucos dias após a chegada da carta. — Além disso, pagam tudo. Porque é que não hei-de ir?

— Porque não fazes ideia de quem é esse Fitzhugh ou o que pretende de ti — retrucou o tio. Poucas vezes tinham debatido um assunto assim, e o consolo de darem por si a fazê-lo quase superava o impulso de se oporem um ao outro. — Tanto quanto sabes, pode ter a pior das intenções.

— Oh, não exageremos. Deve estar interessado no meu trabalho. Há-de ter alguma coisa com que ache que posso ajudá-lo.

E se porventura resistisse em José Filemom alguma indecisão, assim se tornava a desfazer: refutando Hansi, apesar de tudo.

Ficou num hotelzinho decadente nos limites da Avenida Lexington, do lado onde esta já se chamava Irving Place. O porteiro, um velho irlandês com voz de alcoólico, vestido com uma libré puída e irrepreensivelmente engomada, abriu-lhe a porta sem que um só músculo do seu rosto avermelhado se mexesse. A rapariga da

recepção, tirada de um filme de Kubrick, deu-lhe tantas instruções que, a certa altura, se misturaram até não sobrar nenhuma. O empregado do bar, erecto a um canto a secar cálices como num *saloon* do Velho Oeste, estendeu-lhe um copo de água fresca com a pompa e a rudeza de quem serve uma medida de *bourbon*.

— *Here you go, young man*. — E deixou os olhos nele, a avaliá-lo.

José Filemom instalou-se, tomou um banho prolongado e subiu à cobertura, a apreciar a cidade. Debruçou-se na varanda periclitante, entre cadeiras de plástico abandonadas ao acaso. O Sol começava a pôr-se para os lados de Nova Jérsia, projectando feixes de luz através das ruas numeradas, e os tejadilhos amarelos dos táxis corriam rumo a bairros, pontes e parques. As torres do World Trade Center estendiam as suas sombras sobre a zona sul da península e, ao longo dos passeios, espíritos-livres de diversos tipos — borguistas, *drag queens*, prostitutas — tresmalhavam-se, como que deslocados, em busca de mais uma noite de pândega ou de trabalho.

Teve a sensação de que já ali havia estado e perguntou-se se não a teriam todos os visitantes, postos a cada esquina perante imagens, rotinas e até cheiros idealizados desde a infância. Recolheu numa satisfação juvenil, dizendo a si mesmo que fora dar ao centro do mundo e que haver chegado ali pelos seus próprios méritos tinha um significado. Lembrou-se de uma frase de Voltaire:

> *Para se ter sucesso neste mundo, não basta ser-se estúpido, é preciso também ter-se boas maneiras.*

E só naquele momento percebeu por que reunira ela dezenas de comentários logo nos primeiros dias depois de a publicar no *site*.

Desceu até ao andar onde ficava o seu quarto e atravessou as portas do elevador. Atrás de si, uma voz desfez o silêncio:

— *So, you're the one here to see Mr. Fitzhugh*.

Era o porteiro de libré, que acumulava funções com as de ascensorista e bagageiro. Tinha-o conduzido prédio abaixo, e Filemom

nem dera por ele. Assomava agora à porta do cubículo, como que a conferir se havia alguém à espera para descer.

Mirou o hóspede, numa inexpressão que este não conseguiu decifrar. Retomou o posto, carregou cerimoniosamente no botão e as portas do elevador fecharam-se à sua frente.

02.

Johnson veio de manhã, tal como C. Devon Fitzhugh, Esquire prometera na carta. José Filemom postara-se frente ao hotel, a ver passar os habitantes de Nova Iorque: estudantes de liceu arrastando-se até ao *cyber cafe* mais próximo, vendedores ambulantes vendendo *bagels* a executivos apressados, agentes do NYPD disciplinando o tráfego com coletes fluorescentes e luvas de mago. Achou toda a gente bastante consciente da vida que levava e do lugar aonde a levava, e não soube se devia sentir inveja disso.

— *Mr. Fitzhugh's automobile for you, sir.*

Sorriu: começava a conhecer aquela voz e o modo que tinha de irromper quando menos se esperava. Agradeceu o cuidado do velho porteiro (ou talvez devesse chamar-lhe espião) e dirigiu-se ao carro estacionado diante do toldo incolor que servia de pórtico ao edifício e a que as frágeis colunas de alumínio emprestavam um ar de dossel arruinado.

Era um velho *sedan*, comprido e preto, com uns vidros escuros que lhe faziam brilhar ainda mais os cromados laboriosamente polidos, e tinha a porta de trás aberta. Filemom aproximou-se, mas não viu ninguém no interior a não ser o *chauffeur*. Hesitou. Espreitou no sentido da entrada do hotel, junto a cuja ombreira o velho irlandês se mantinha muito aprumado, na imobilidade tensa de um guarda do Palácio de Buckingham — e decidiu entrar.